



nara roesler

josé cláudio
uma trajetória
curadoria aracy amaral

nara roesler são paulo
abertura 8 de outubro
exposição 8 out – 5 nov, 2022

josé cláudio
2006



Sem título, 2006
tinta óleo sobre tela
120 x 300 cm

josé cláudio
aracy amaral

*“Meu quadro, minha morada. É lá que eu ando, nu, de calções, entre transparências de vidro ou opacidades cor de terra, entre frutas maduras. O grande equipamento de um artista é a sua alma e a sua mão. E uma honesta crueza, que está desaparecendo”.*¹

O preparo desta exposição me revelou, me fez perceber as múltiplas faces da criatividade em José Cláudio. A diversidade de seus interesses e curiosidade perene diante da vida. Para alguns ele pode parecer equivocadamente “uno”. Mas ao contrário. Vibra igualmente frente à folhagem, à paisagem, à luz, às gentes, ou recolhido em reflexão.

José Cláudio é um criador. Pintor, escultor, escritor, pesquisador. Um erudito além do mais. Historiador das artes em Pernambuco. Repositório saboroso dos casos ou de personagens que conheceu ou de eventos de que participou, que narra como envolvente contador de histórias, fatos reais que absorvemos de seus livros, ou ouvindo e indagando detalhes...

Como então escrever apenas sobre a arte de José Cláudio? Difícil, tão vasta é sua persona. E ela recobre sua obra como pintor, as diversas etapas de vivência e curiosidades diante da vida.

Quando o ouço falar e observo suas pinturas e desenhos de períodos mais intensos, como na fase da Amazônia, vejo-o como uma força da natureza. Que não se pode deter mas deixá-lo “dizer”. É o seu discurso indomável diante de sua realidade do momento, seja a menina a mulher a folhagem a praia o corpo o ritmo o balanço da dança frenética

dos carnavais envolventes nas ruas nas praias ou no mercado o vendedor o perfil no escuro.

Ansioso pela “vida de artista” embriagou-se na experiência juvenil em Salvador, no contato e trabalhos com Mário Cravo, Jenner Augusto e Carybé, preparo libertário do fazer plástico antes da ida para São Paulo.

Ou seja, nasce o pintor nos anos 1950 no Atelier Coletivo no Recife, mas nessa década mesma desponta o desenhista delicado, atento à linha do nanquim surpreendente na disciplina assumida em sua múltipla observação de exposições e Bienais. Percebe-se em seus trabalhos o olhar diante de um Lívio Abramo, um Grassmann, ou atento à abstração linear – ou quase abstrata – de um Arnaldo Pedroso d’Horta.

Daí às poéticas especulações formais dos anos 1960 – carimbos em nanquim sobre papel – composições abstratas, diversidade rica de pura poesia gráfica que perduram de 1968 ao ano seguinte. Trata-se de contribuição quase desconhecida, dentro da tendência “poema processo”. Por que esse recolhimento que apenas recentemente veio à luz em exposições ou catálogos específicos? Porque o desapego ou “desconhecimento” pelo próprio artista desta sua valiosa contribuição de vanguarda de 1968–69? Um outro José Cláudio?

E de repente o retorno ao sabor ao clima ao ritmo do espaço de sua cidade do Recife, com a prolífica produção dos anos 1970: são os retratos, as paisagens, os pássaros para Hermilo Borba

¹ Apud José Cláudio – Vida e Obra, texto Marco Polo Guimarães, org. Carla Valença, pesquisa Vera Magalhães, Relicário Produções Culturais e Editoriais, Recife, 2009.

Filho, intermediados pela sempre presença de Renato Magalhães Gouvêa, além das cenas saborosas de rua.

Período que culmina com a viagem de sessenta dias pelo rio Madeira na Amazônia, a convite do professor Paulo Vanzolini diretor do Museu de Zoologia da USP (“Você quer mesmo conhecer a Amazônia? Se positivo, apanhe a passagem na VARIG e venha me encontrar em Manaus”). E assim foi. Nessa viagem marcante Zé Cláudio produziu intensamente, cerca de 100 obras, em desenhos e pinturas além de detalhado diário de bordo, sobre os eventos de cada dia, as gentes das regiões ribeirinhas, registrado em publicação – Acervo do Estado de São Paulo, tendo o Governo Paulo Egydio Martins adquirido, em sua gestão, todas as obras em pintura –. Encantado com o viver das populações e sabores dos portos de parada, do tacacá ao açaí – “fui dormir com a Amazônia toda na barriga” (!) – com a beleza da luz envolvente, dos pores de sol deslumbrantes na imensidão da paisagem horizontal do rio.

Algo importante a ressaltar em seu perfil : o traço, o desenho como essencial fundamento intelectual de todo seu trabalho, além da especulação formal e a observação em sua vivência em São Paulo nos anos vibrantes da segunda metade dessa década de 1950.

Disse que José Cláudio é múltiplo? Sim, pois o artista plástico escreve compulsivamente sobre sua vivência no Atelier Coletivo, sob a orientação

de Abelardo da Hora, ou quando registra a experiência de sua primeira viagem à Bahia, onde se inicia como artista profissional e artesão.

Em seguida observamos seu retorno à imersão total nos mercados, nos carnavais, no ritmo contaminante das músicas. Tempos em que estuda com afinco os artistas de sua terra e publica outro livro, olhos abertos às ruas da cidade, em cenas “callejeras” como histórias em quadrinhos, paralelamente a série de nus, as meninas, as paisagens, a vida enfim.

E de repente, como surge a abordagem insólita de Almeida Júnior ? uma motivação, a disciplina do “ver” e do fazer a partir do olhar do outro, até a desconstrução e recriação total a partir da obra do acadêmico paulista...? E, quase ao mesmo tempo, registra retratos como aquele da menina sentada com um ar ensimesmado...

Tão vasta são sua curiosidade e seus rumos que parece pretensioso circunscrever seu percurso numa única exposição: aqui concebida pelo afeto de Nara Roesler em comemoração aos seus 90 anos.

Na verdade, José Cláudio extravasa os limites dos espaços previstos. Pois é muito além de observador, cronista, historiador. Sua qualidade de excepcional desenhista e inquieto especulador, faz com que o assinalemos como o grande criador pintor do Recife e da luz da Amazônia.



Barraca de feira, 1974
tinta óleo sobre eucatex
95 x 137 cm

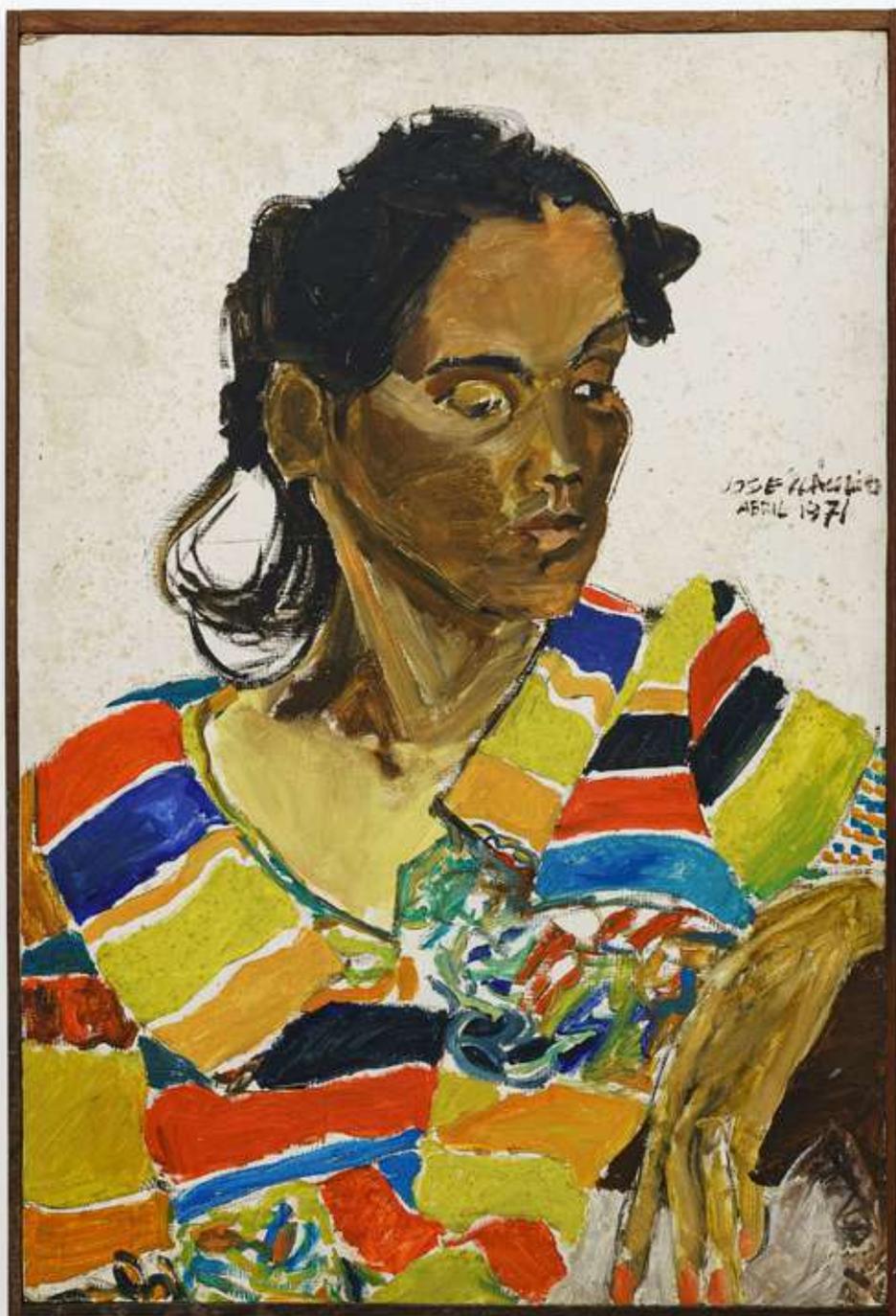




Pátio do Mercado, 1975
tinta óleo sobre tela
79,5 x 121,5 cm
coleção particular



Vendedora de Milho, 1975
tinta óleo sobre eucatex
59 x 78 cm
coleção particular



Retrato de Leo, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
80 x 60 cm



JOSE PLACIDO
ABRIL 1971





Nara, 1979
tinta óleo sobre eucatex
122,7 x 80 cm
coleção particular



Retrato de menina, 1972
tinta óleo sobre eucatex
80 x 60 cm
coleção particular



Neusa, 1973
tinta óleo sobre eucatex
42 x 32 cm
coleção particular



a propósito de simetria josé cláudio

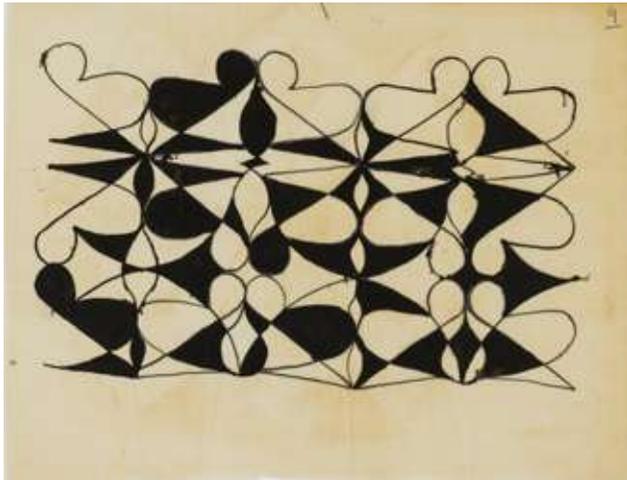
De fato não pensei em palavras para acompanhar tais desenhos. A única intervenção da inteligência ou do consciente, que lembrei depois de fazer o desenho num lado da página, (foi) dobrá-la e estampar o dito desenho na outra. Simetria. Dificilmente um artista dá um risco sem que lhe ocorra nome de algum outro, e quando abri a página para ver o que tinha acontecido me vieram imediatamente à memória quadros de Vicente do Rego Monteiro. Mas só um instante, que não pretendia nada de sólido ou monumental. Puro jogo lúdico – gratuito lazer. Brincar de riscar. Quando risquei uma mulher comecei a repetir a mesma imagem às avessas lembrei das coreografias que via dna. Yanka Rudzka inventar, enquanto eu segurava no atabaque umas batidas combinadas para marcar os gestos das meninas¹.

(...)

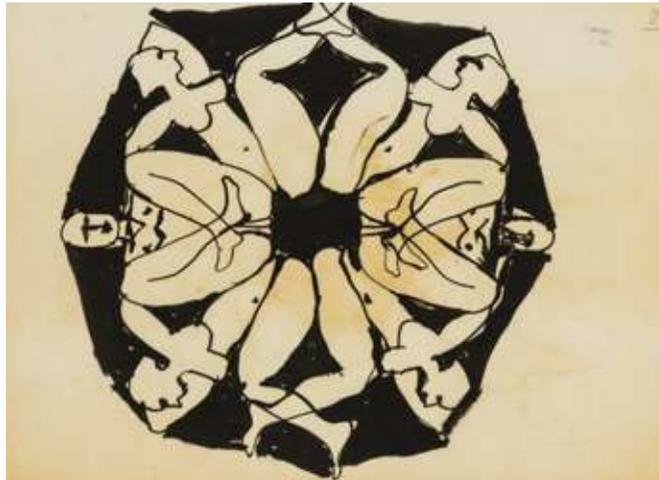
Porque quando a gente desenha, viaja. E o que parece não ter nada a ver com esse álbum está muito intimamente ligado a ele. No desenho, no quadro, buscamos nós próprios e os outros: vemos a coisa desenhada, vivemo-la, e nesse ato confundimo-nos com ela, não sabemos até que ponto somos nós mesmos, ela ou os outros (incluídos aí, nessa palavra “outros” as inclinações hereditárias vindas de toda espécie de convívio – e não somente artístico).

— Fragmento de carta de José Cláudio a Dodora Guimarães, manuscrita e datada de Olinda, 10 de junho de 1982, sob o título de “Simetria – Dodora quer que eu escreva”.

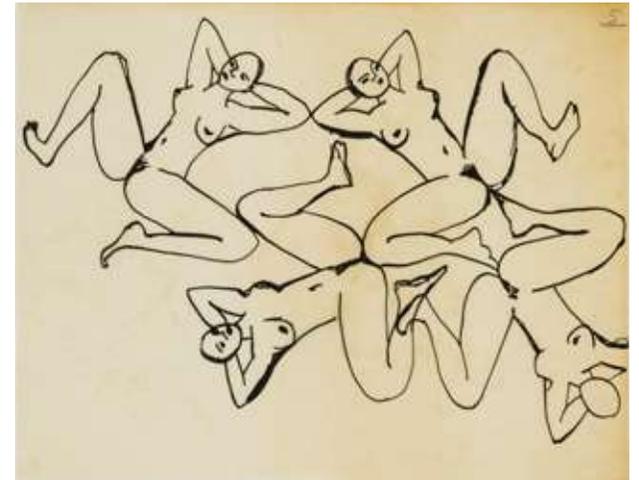
¹ Yanka Rudzka (1919–2008), professora polonesa de dança contemporânea em São Paulo em inícios dos anos 1950 e quem depois formaria um grupo de jovens bailarinas na Bahia, fundando a Escola de Dança em Salvador, acompanhando a profissionalização de Lia de Carvalho Robatto.



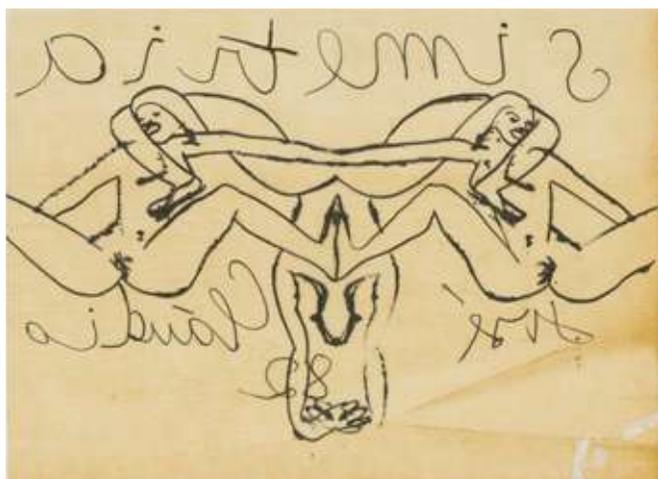
Série Simetria, 1982
nanquim sobre papel
29,2 x 38 cm
coleção particular



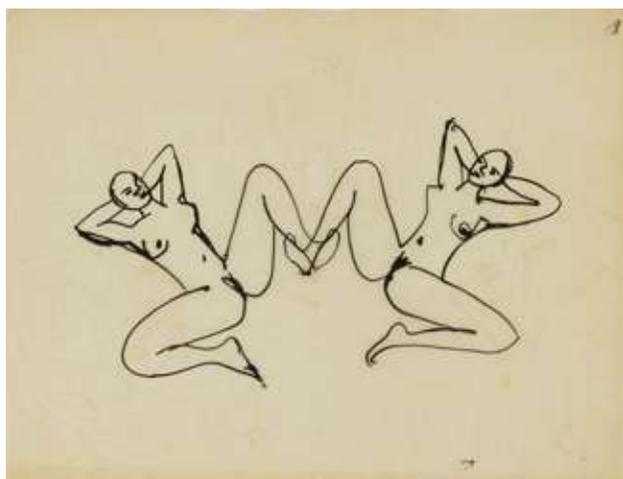
Série Simetria, 1982
nanquim sobre papel
28,1 x 39,5 cm
coleção particular



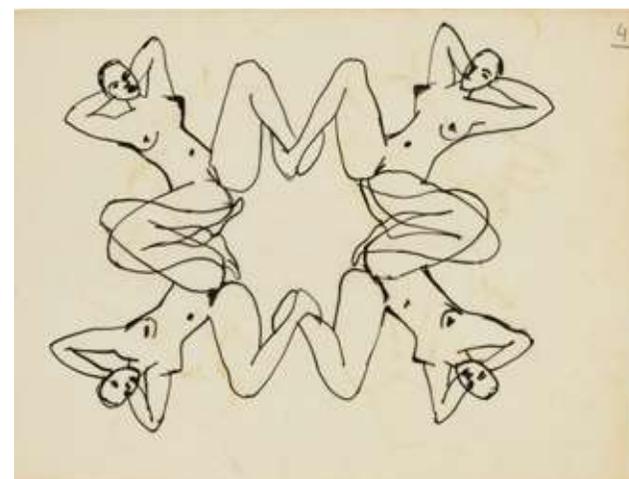
Série Simetria, 1982
nanquim sobre papel
29,6 x 38 cm
coleção particular



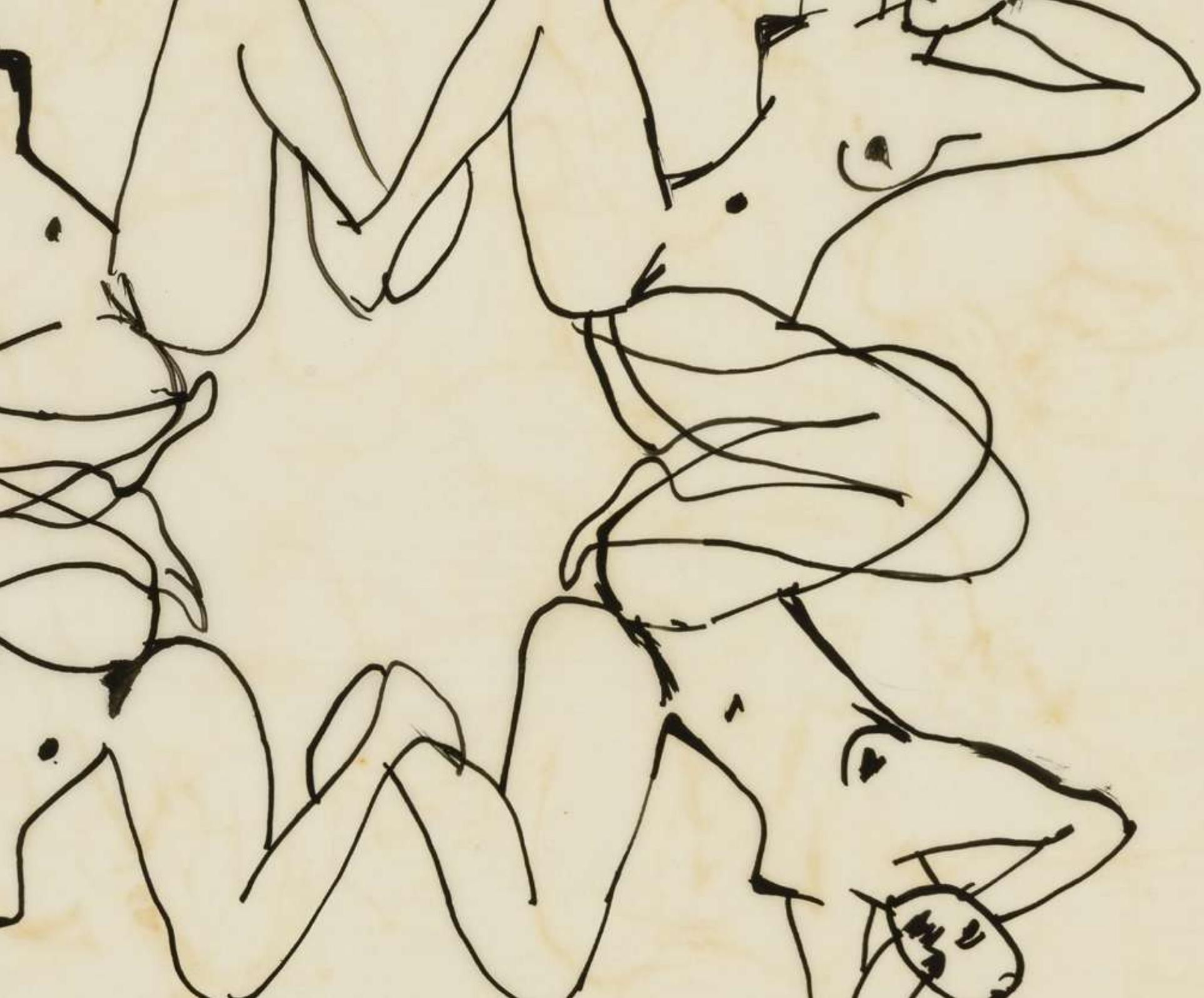
Série Simetria, 1982
nanquim sobre papel
29,5 x 40 cm
coleção particular



Série Simetria, 1982
nanquim sobre papel
30 x 40 cm
coleção particular

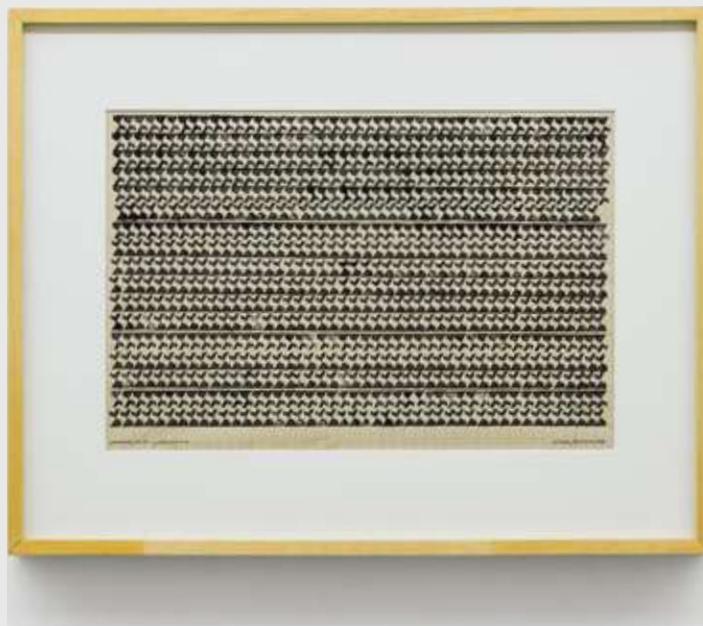


Série Simetria, 1982
nanquim sobre papel
29,5 x 40 cm
coleção particular





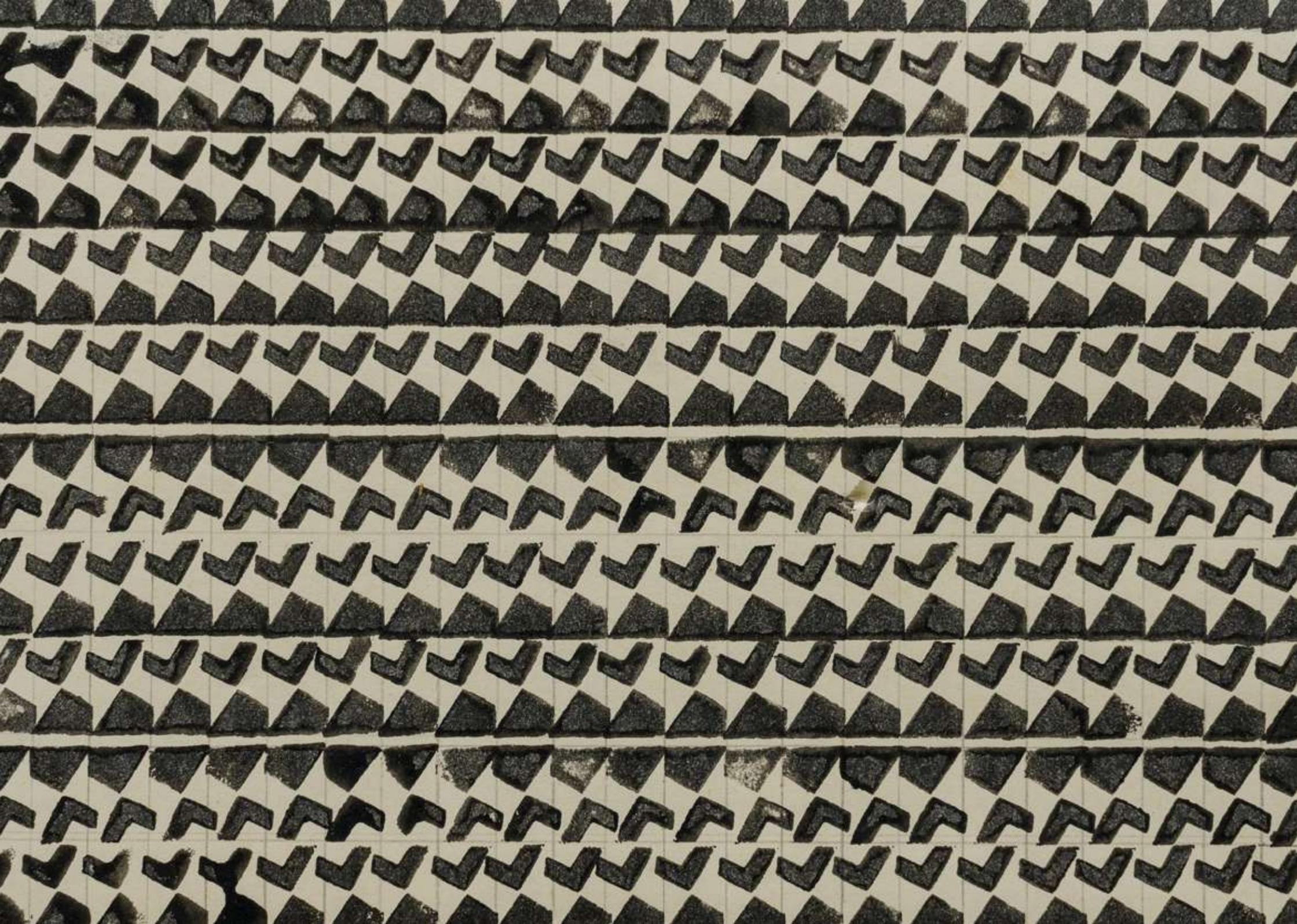
Macho e fêmea V, 1969
nanquim sobre papel
a partir de carimbos
31,5 x 33 cm
coleção particular

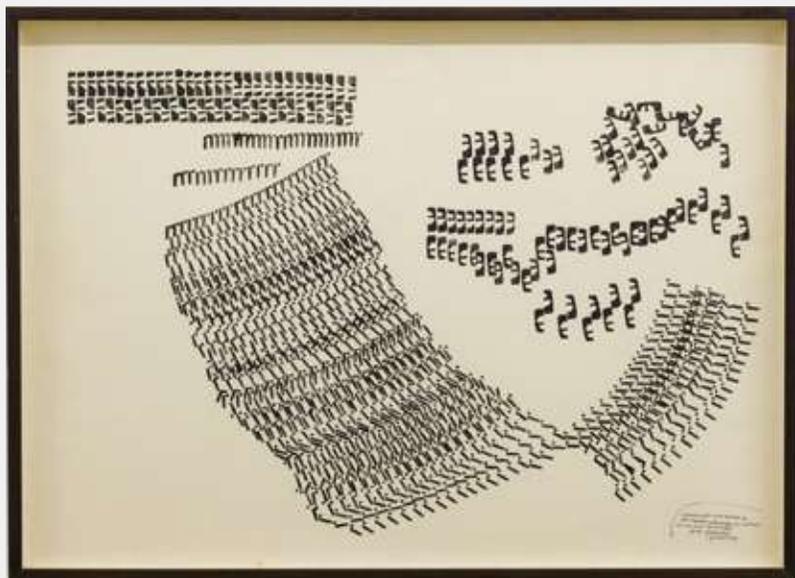


Poemeto nº 11, 1968
nanquim sobre papel
a partir de carimbos
35 x 23 cm
coleção particular



Sem título, 1968
nanquim sobre papel
a partir de carimbos
24 x 33 cm
coleção particular

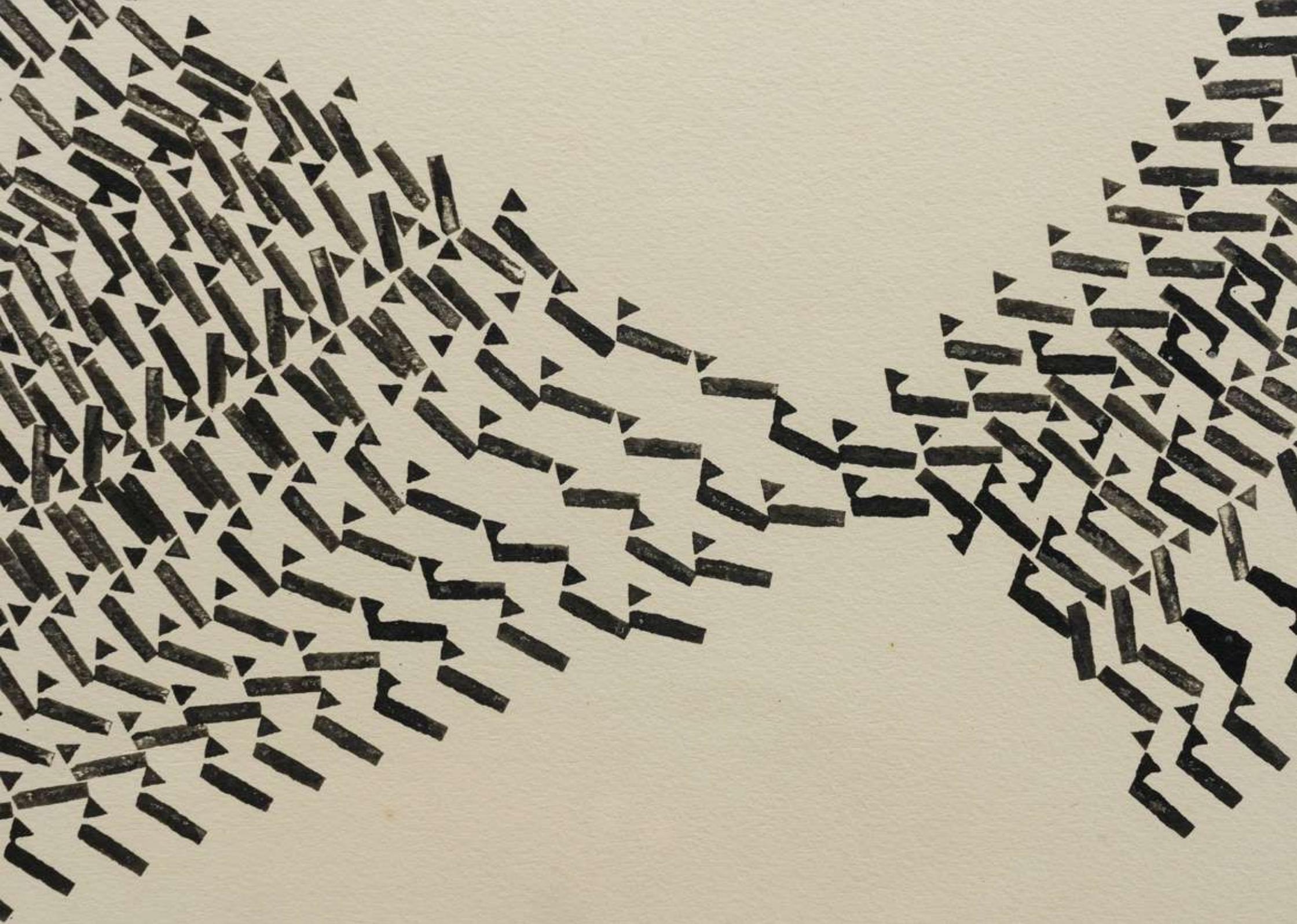


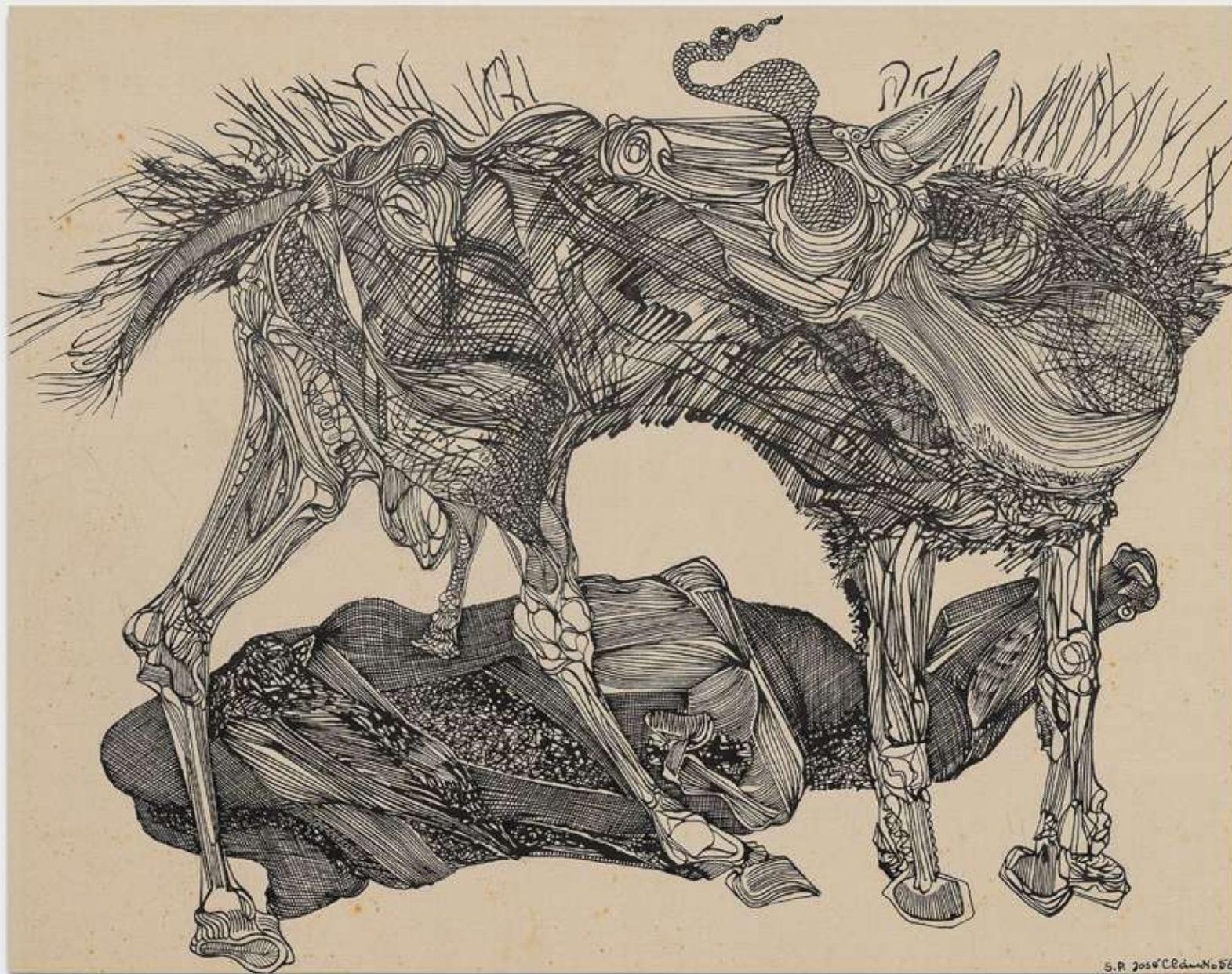


História de um carimbo, 1969
nanquim sobre papel
a partir de carimbos
50 x 70 cm
coleção particular



Sem título, 1972
nanquim sobre papel
a partir de carimbos
70 x 100 cm
coleção particular





Apocalypse IV, 1956
nanquim sobre papel
48,4 x 62,5 cm
coleção Museu de
Arte Contemporânea
da Universidade
de São Paulo



Sem título, 1970
nanquim sobre papel
a partir de carimbos
50 x 70 cm
coleção particular



pássaros para hermilo borba filho, 1971–72

Homenageando e como contribuição a Hermilo Borba Filho (1917–1976), grande escritor, teatrólogo e pesquisador da cultura popular nordestina, José Cláudio realizou uma série de pinturas (adquiridas por Renato Magalhães Gouvêa que encaminhava o montante relativo às aquisições ao tratamento do conhecido intelectual) durante os anos de 1971 e 1972.

São pinturas de pequenas dimensões, sempre em acrílico sobre compensado, focalizando pássaros

típicos brasileiros. Alguns com seus nomes populares como Fura Barreira, Acorda Negro, Sangue de boi, Guariatã, Araponga, etc. Outros até curiosamente nomeados pelo autor de *Hermilo III*, *Hermilo V*, *Hermilo XVII*, etc. O conjunto dessas pitorescas e deliciosas pinturas de pássaros reflete não apenas uma amizade, como o apoio de Renato Magalhães Gouvêa a essa homenagem. E, de modo particular, a sempre encantada observação da natureza circundante pelo artista.



*Hermilo VIII, Entro de Bananeira
e Xexéu, 1971*
tinta acrílica sobre eucatex
30 x 43,5 cm



Hermilo Vi, *Sangue de boi*, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
32 x 54,5 cm



Hermilo Vi, *Fura barreira*, 1972
tinta acrílica sobre eucatex
32,5 x 43,7 cm



Hermilo Vi, *Azulões*, sem data
tinta acrílica sobre eucatex
21,5 x 32,5 cm



Acorda Negro, 1972
tinta acrílica sobre eucatex
26 x 33,5 cm



Acorda Negro, 1972
tinta acrílica sobre eucatex
29 x 27,5 cm





Patativa de Gola, 1972
tinta acrílica sobre eucatex
28,5 x 28 cm



Araponga, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
27,5 x 32 cm



Lambu-do-pé-vermelho, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
32,5 x 44 cm



Hermilo XVII, Estevão
ou Trinca-Ferro, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
30 x 42,5 cm



Hermilo X, Guriatã, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
30 x 44 cm



GURIATĀ



Hermilo V. Comcriz, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
33 x 54,5 cm





Hermilo XI, Galo de Campina, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
30 x 43,5 cm



Hermilo VII, Cancão e Caboclinho, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
29,5 x 44 cm



*Hermilo XIII, Papa-capim,
Pintasilva, Bico de Lacre,
Bigode, Cravinha, Curió, 1971*
tinta acrílica sobre eucatex
30 x 43,5 cm



Hermilo I, Rolinhas, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
30 x 43,5 cm



Frei Vicente, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
30 x 43,5 cm



Hermilo IX, Canário e Azulão, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
30 x 43,3 cm





Hermilo XXI, Xexéu, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
60,5 x 31,5 cm



Guriatã, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
43,5 x 29,5 cm



Sabiás, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
43,5 x 30,5 cm



Hermilo III, Anuns, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
44 x 30,5 cm



Hermilo XII, Jaçanã, 1971
tinta acrílica sobre eucatex
42 x 21,5 cm



viagem à amazônia

Em 1975, a convite do cientista e compositor prof. Paulo Vanzolini, diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, José Cláudio realiza viagem em missão científica entre final de outubro e meados de dezembro, a bordo do *Garbe*, pelo rio Madeira.

“A grande virada da minha vida aconteceu nessa viagem no Rio Madeira, aparentemente cercado de bichos, flores e água. Me despi de todos os saberes. Não esqueci Picasso, não esqueci ninguém, mas nessa viagem levei um rolo de tela e pintei o que vi pela frente, sem ter de antemão nenhum projeto”, diz José Cláudio em vídeo documentário sobre a viagem.

Além de dezenas de desenhos e esboços feitos no decorrer da navegação, o artista registrou pinturas diárias – hoje no Acervo do Palácio do Governo do Estado de São Paulo – sobre a paisagem ribeirinha, a vegetação e o rio, do qual podemos apresentar certo número de originais. Neles José Cláudio aparece como impressionista, por vezes expressionista, e poético sempre, ao fixar personagens e paisagens.

O artista foi também o autor de saboroso diário da travessia, nesse exemplar publicado pela Imprensa do Estado de São Paulo em marcante livro sobre o tema.



Rio Madeira (RO), 1975
tinta óleo sobre tela
53 x 67 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



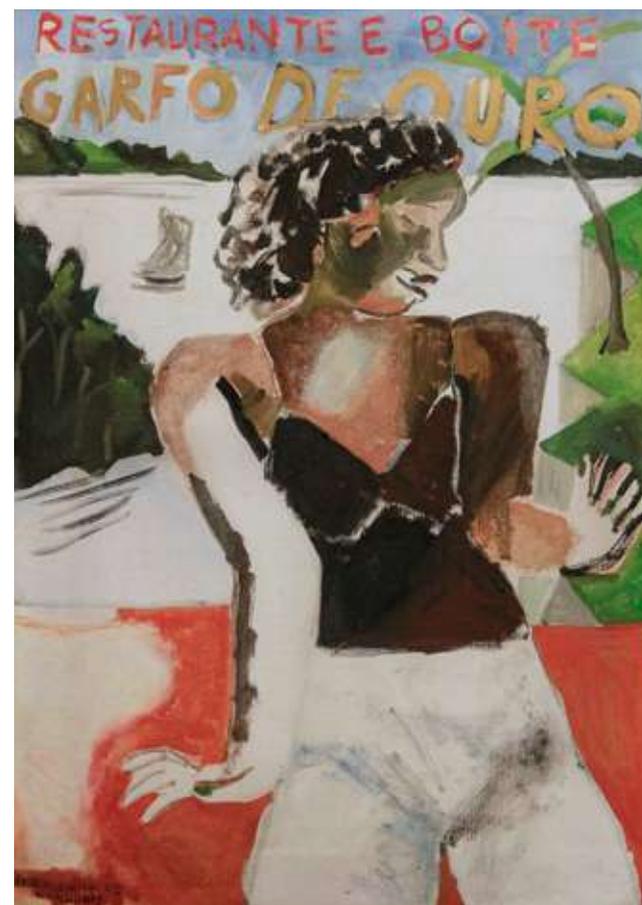
Maguari, 1975
tinta óleo sobre tela
30 x 40 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Restaurante e Boite Garfo de Ouro
– Porto Velho (RO), 1975
tinta óleo sobre tela
70 x 50 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Boite La Hoje - Porto Velho (RO), 1975
tinta óleo sobre tela
70 x 50 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Aratibóia - Porto Velho (RO), 1975
tinta óleo sobre tela
70 x 50 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Dendrobates Hyla Leucophyllata, 1975
tinta óleo sobre tela
30 x 40 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Muçã Manicoré – Rio Madeira, 1975
tinta óleo sobre tela
30,5 x 40,5 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Boto Tucuxi, 1975
tinta óleo sobre tela
30,5 x 40,4 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Rio Madeira, 1975
tinta óleo sobre tela
50 x 70 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Rio Amazonas, 1975
tinta óleo sobre tela
40 x 50,5 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Caboclo ticando o peixe (RO), 1975
tinta óleo sobre tela
30 x 40 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Pirapitinga esfolada, 1975
tinta óleo sobre tela
50 x 40 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



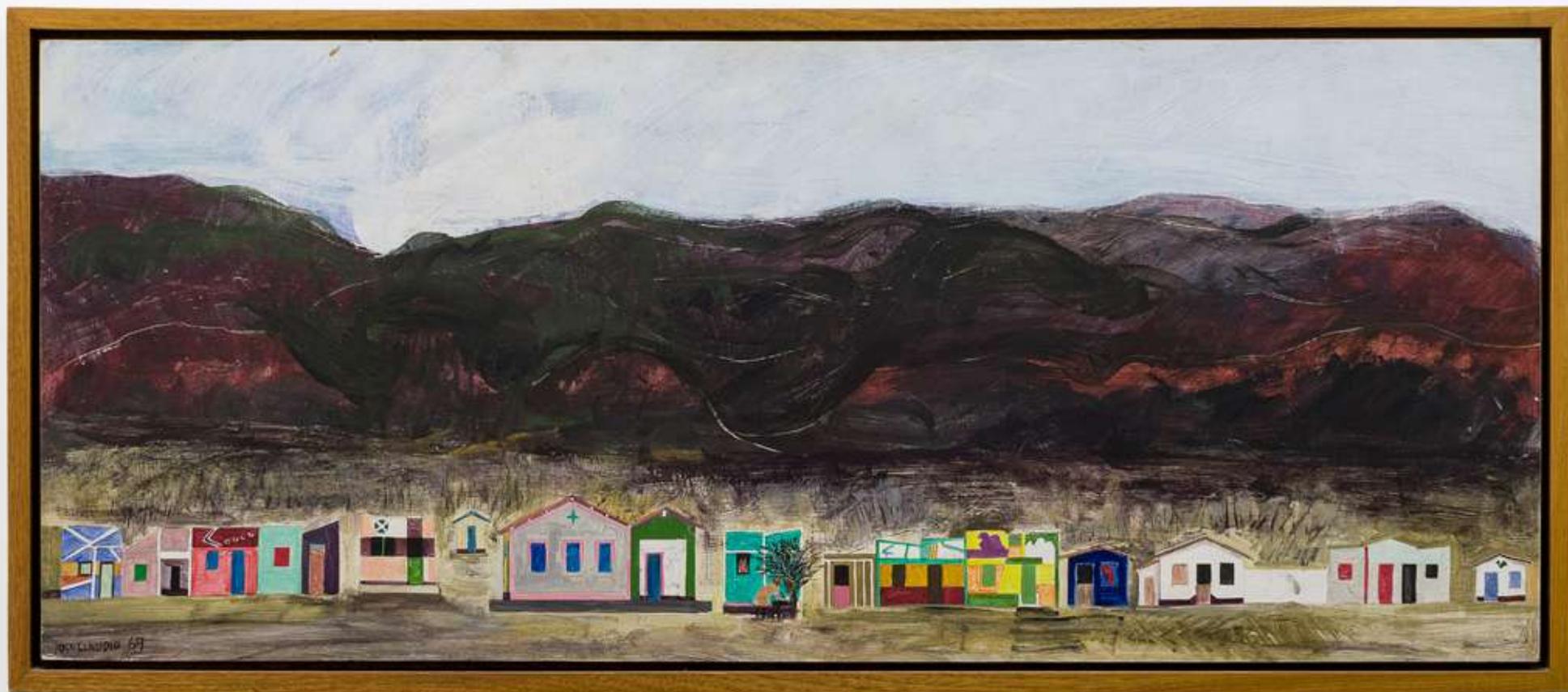
Peixe picado, 1975
tinta óleo sobre tela
30 x 40 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Garbe, 1975
tinta óleo sobre tela
30,5 x 40,5 cm
coleção Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do Estado
de São Paulo



Sem título, 1971
tinta acrílica sobre aglomerado
79,5 x 60,2 cm



Sem título, 1969
tinta óleo sobre eucatex
50 x 120 cm
coleção particular



osé cláudio e almeida júnior
vera d'horta

(...) Com inquietação permanente José Cláudio apanha à sua volta todas as reverberações da vida, numa relação direta, sensual, com as coisas e as gentes. É por excelência pintor “do natural”, e, mesmo as suas naturezas mortas, são vivíssimas.

(...) Mesmo porque, quando rabiscava os primeiros desenhos em Ipojuca, sua cidade natal, Zé já se sentia “um Rafael, e nunca um nordestino”.

(...) E repensar os vários pintores, não importando época ou escola, significou digerir isso que se

chama arte e poder dialogar melhor com sua própria pintura. Almeida Júnior era apenas um desses pintores, e o quadro “Repouso do Modelo” uma pequena ilustração em branco e preto, num livro.

E eis que de repente, esse pintor habituado a improvisar diante da coisa viva, traduzindo com o pincel o sentido heraclítico de mundo, esse constante vir-a-ser, se encontra intrigado diante de um quadro, obra feita por outro, acabada.

—**Vera d’Horta**, São Paulo, 1982



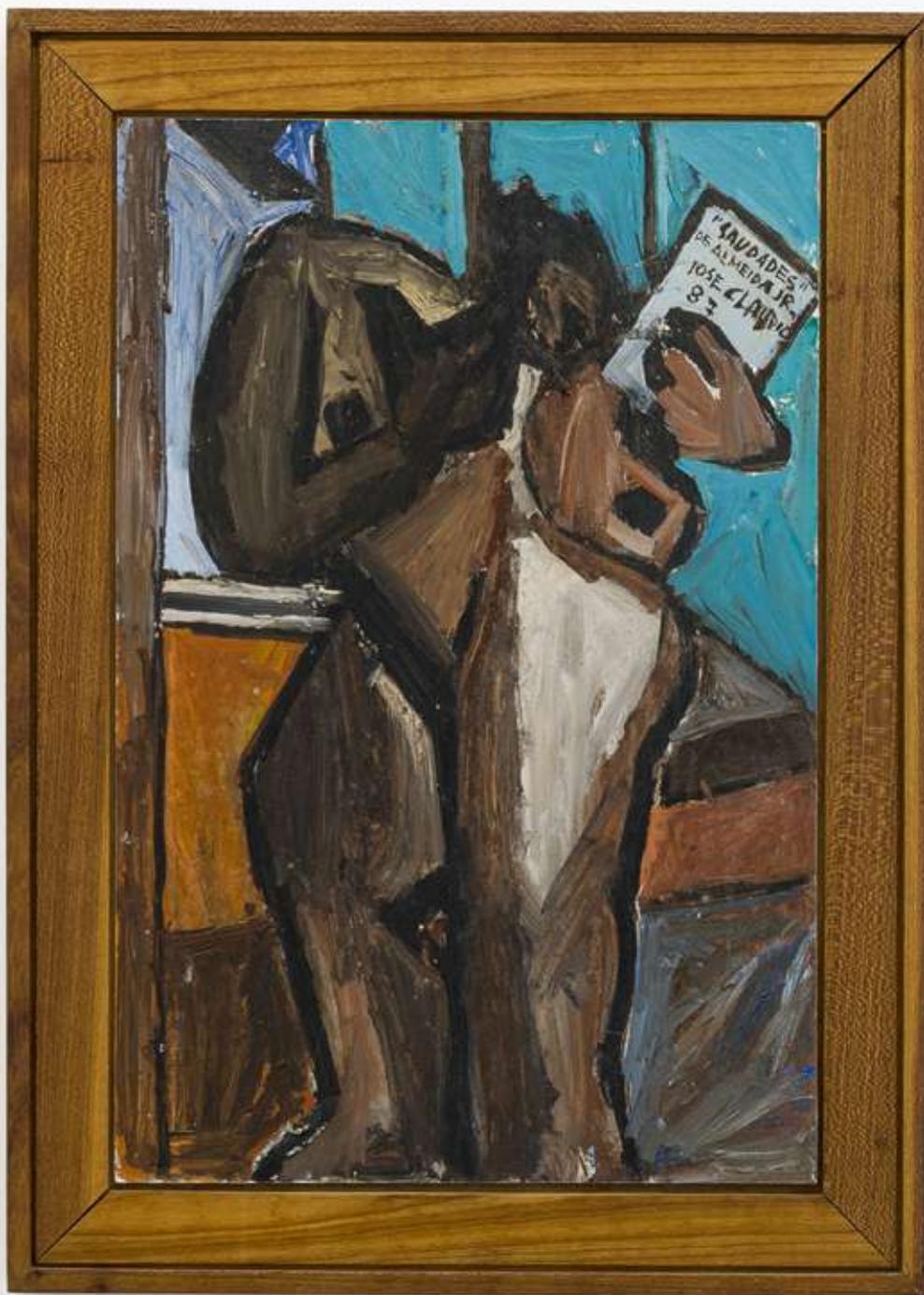
Sem título, 1980
tinta óleo sobre eucatex
91,4 x 121,2 cm

8690

O importuno de
Almeida Júnior, 1999
tinta óleo sobre tela
200,6 x 120,4 cm







Saudade –
Série Almeida Jr., 1987
tinta óleo sobre eucatex
60 x 40 cm
coleção particular



Frutapãozeiro em Olinda, 1972
tinta acrílica sobre tela
75,3 x 118,5 cm





Coqueiros, jaqueira e mar, 1983
tinta óleo sobre eucatex
185,6 x 246,8 cm
coleção particular



Suape, 1985
tinta óleo sobre eucatex
59,8 x 79,8 cm





Sem título, 2001
tinta óleo sobre tela
60 x 80 cm



2ª e 3ª de Carnaval, Rio Doce, 1972
tinta óleo sobre tela
40,5 x 50 cm





Sem título, 1975
tinta óleo sobre eucatex
60,5 x 79,3 cm





Carnaval, 1977
tinta óleo sobre tela
61 x 87 cm
coleção particular

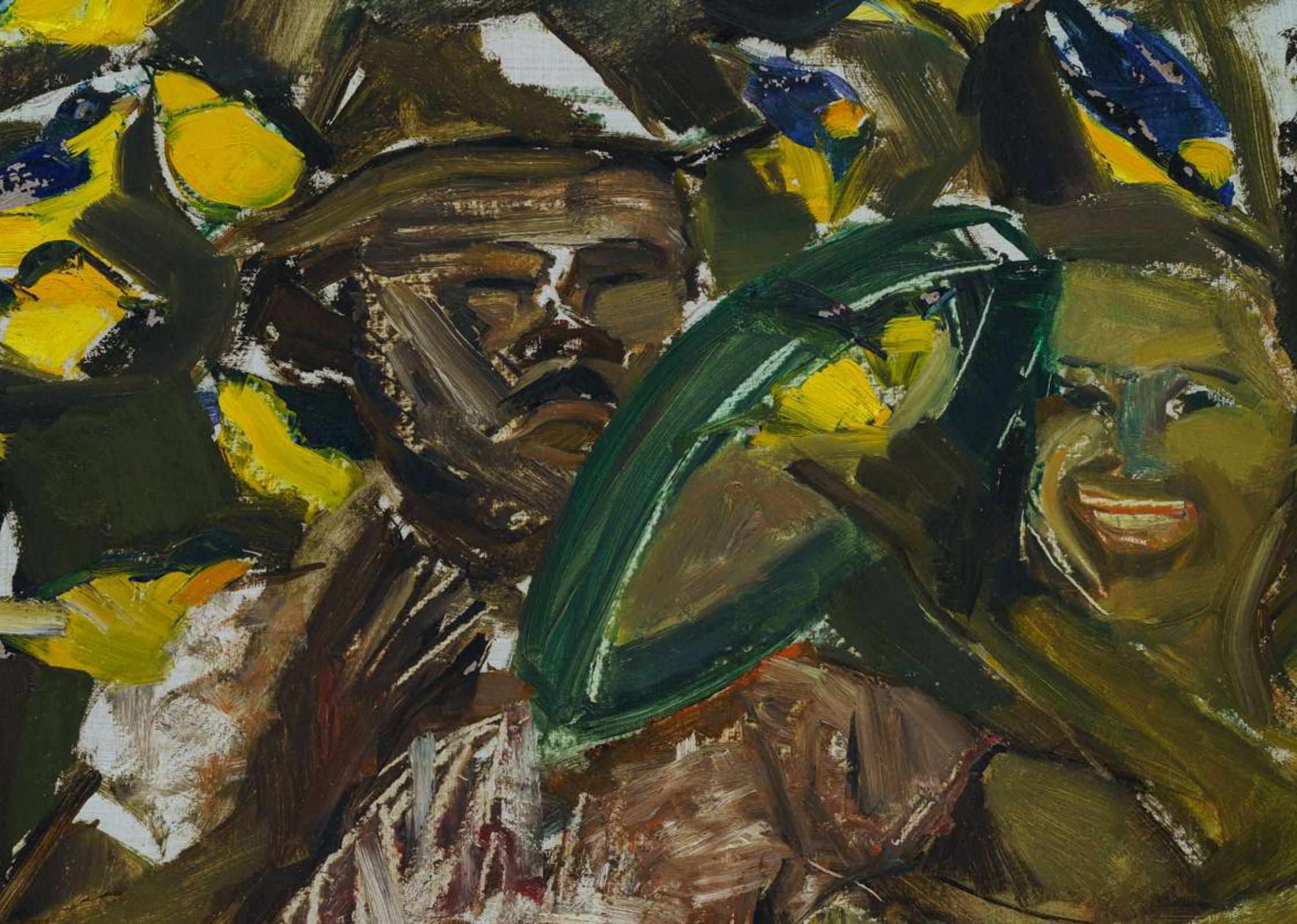


A la ursa dos meninos,
Domingo de Carnaval,
Rio Doce, 1972
tinta óleo sobre tela
34 x 48 cm





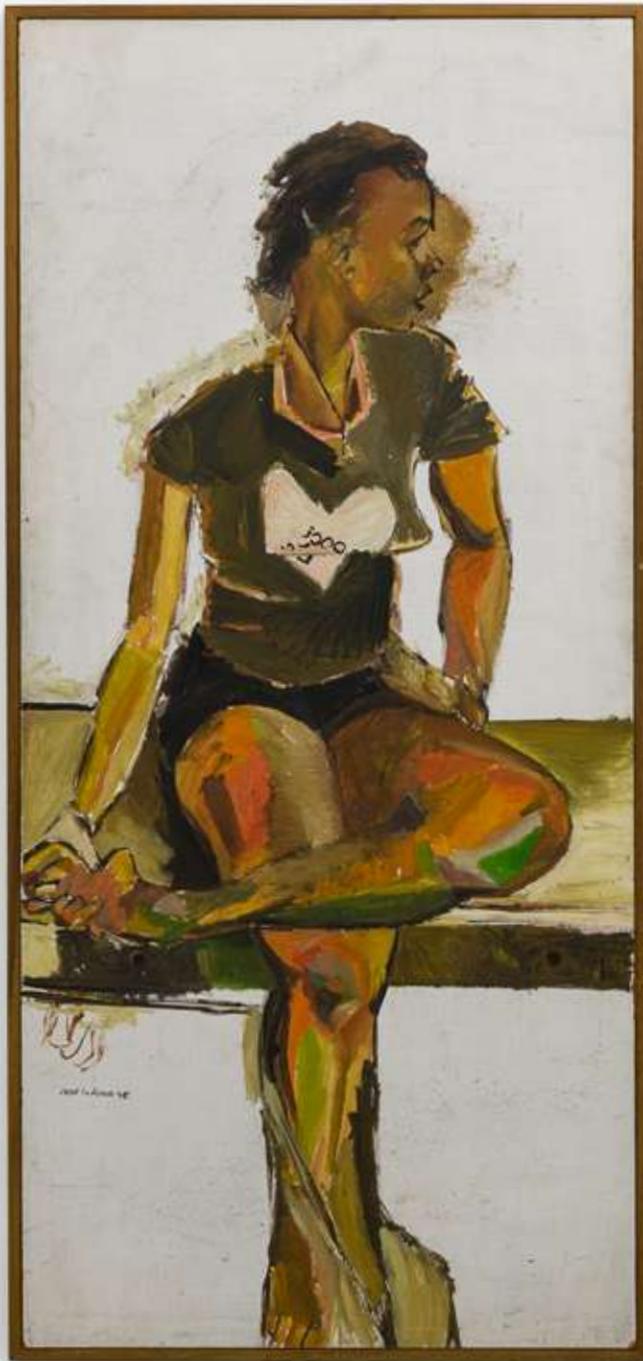
Coquista treme-terra
entre guriatãs, 1972
tinta óleo sobre eucatex
95 x 76 cm



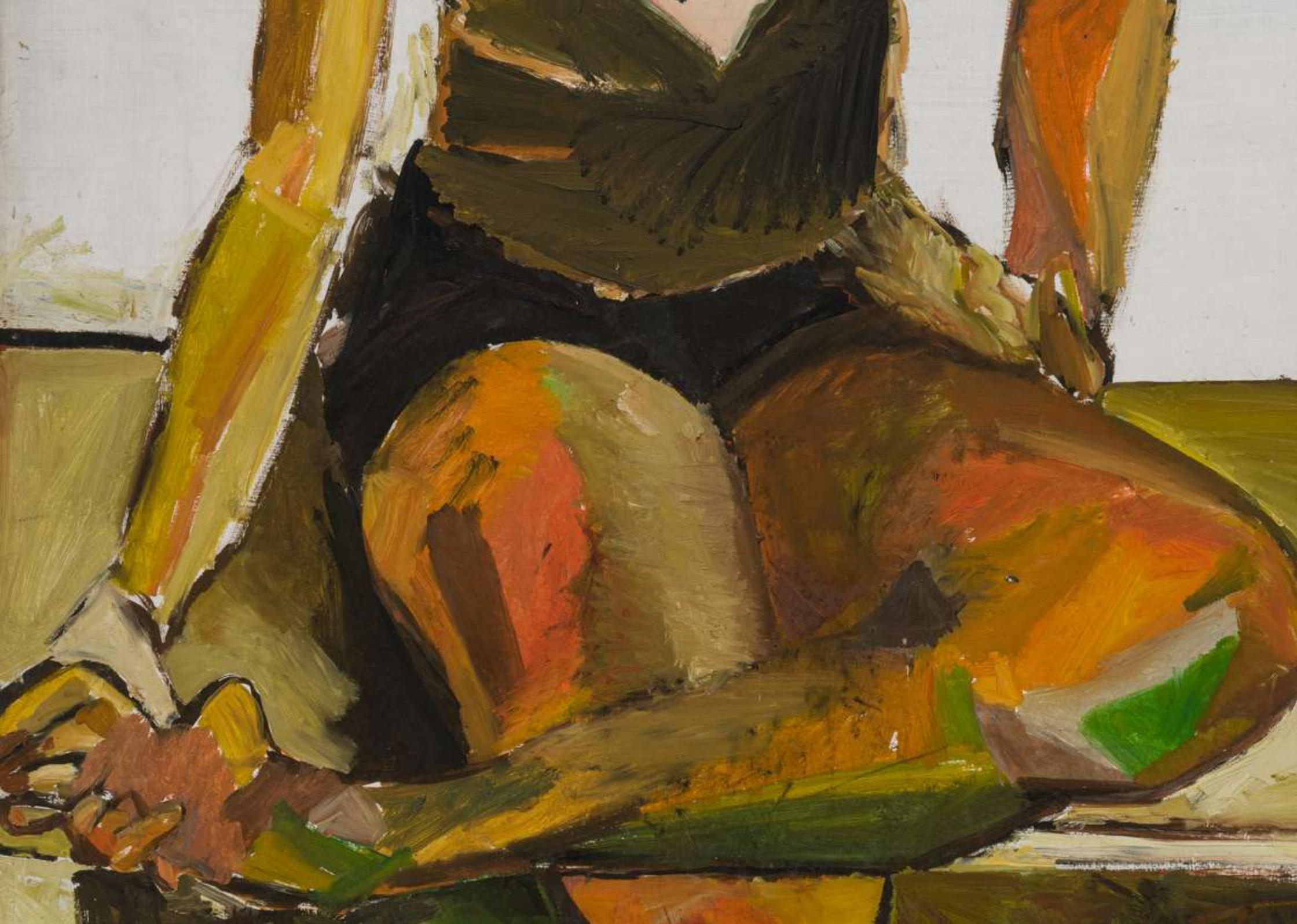


Moça de pernas cruzadas, 1973
óleo sobre aglomerado
120 x 82 cm





5202
Moça pegando no pé, 1976
tinta acrílica sobre eucatex
168 x 78 cm





Hospedaria Familiar Regis, 1972
tinta acrílica sobre eucatex
2 partes de 60 x 80 cm



E ANTES QUE A VELHA SE DESSE CONTA...

2

TIRA DE CEBOLA

O DONO DA DENTADA... ANTI-ALDO

DEPOIS TOMOU A CRIANÇA DA QUE TINHA DEBARRADO A TIJELA PARA QUE ESTA PUDESSE IGUALMENTE RASPARO GUAHO COM AS DUAS MÃOS POIS A MISTELA ERA MOLE

SOVENTE DE UMA SO HOJE NO MANGUEIRA

UM OUTRA MENDIGA QUE ESTAVA NO OUTRO LADO DA RUA ATRAVESSOU E VEIO TAMBEM COMER APANHANDO COM AS DUAS MÃOS CEBOLA

1

- 1) RASPOU A MÃO NA CALÇADA (FICOU UMA LISTA)
- 2) APANHOU E COMEU

ÚLTIMO ATO

A VELHA ENFURELIDA PISA A COMIDA, ARRASTA E ESMAGA ENQUANTO A OUTRA AINDA VÊ SE SALVA OS ÚLTIMOS BOLADOS, MESMO DEPOIS DE PISADOS.



La ursa, 1972
tinta óleo sobre tela
41,5 x 45 cm





Apresentação do Pastoril, 1975
tinta óleo sobre eucatex
77 x 95 cm
coleção particular



Pastoril com cavalos, 1975
tinta óleo sobre eucatex
94 x 135 cm

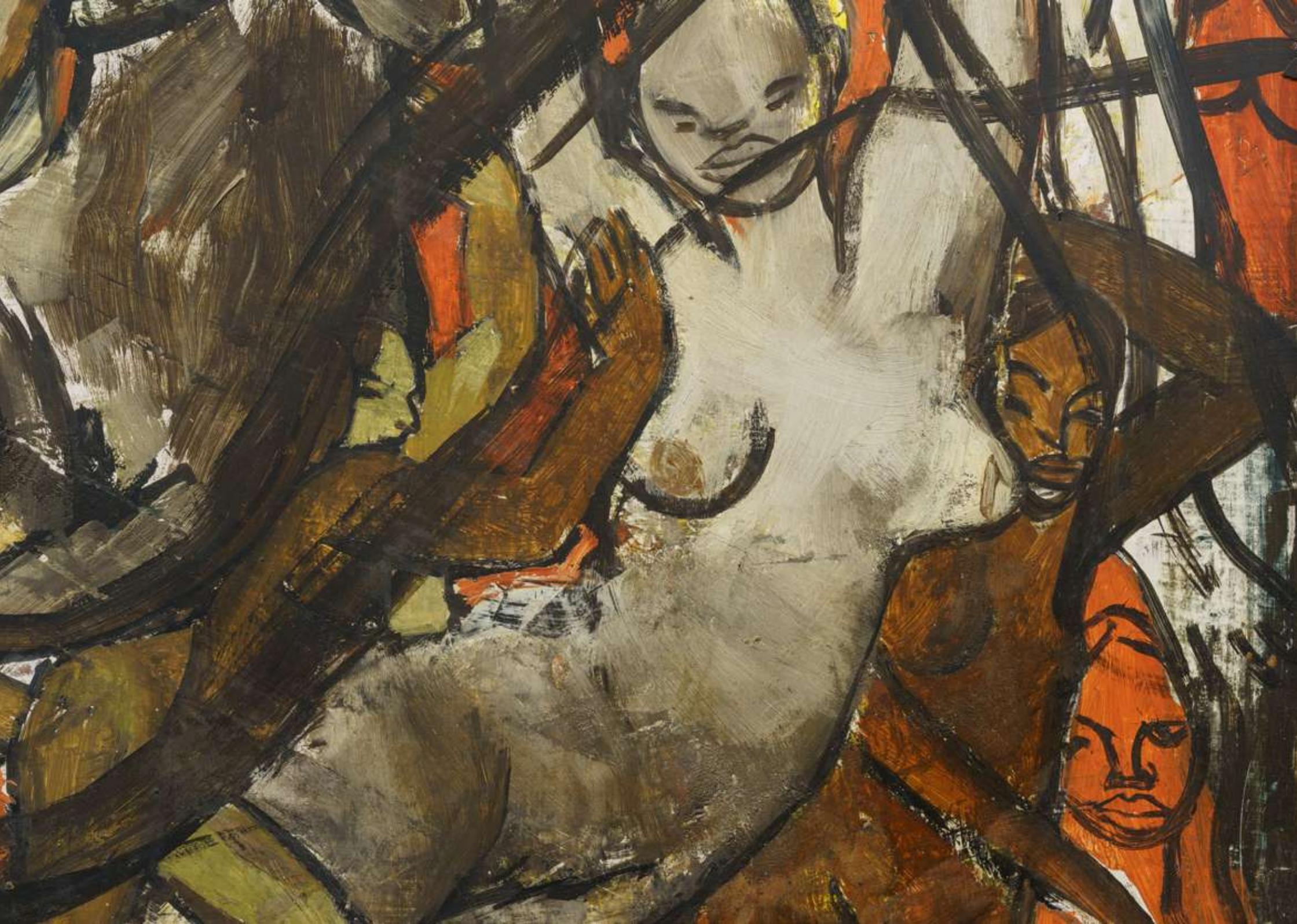




Caboclinho, 1975
tinta óleo sobre eucatex
64 x 83 cm
coleção particular

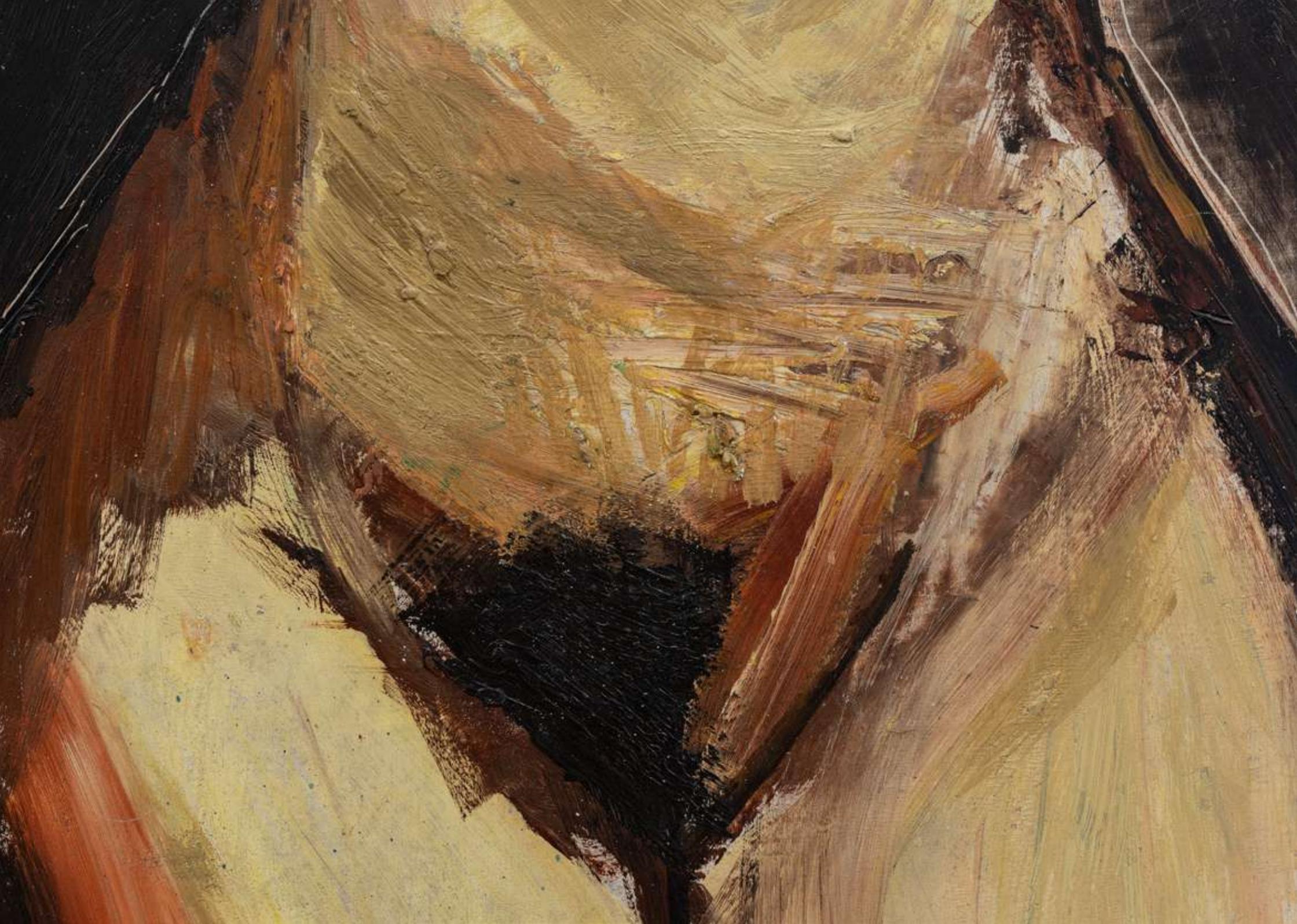


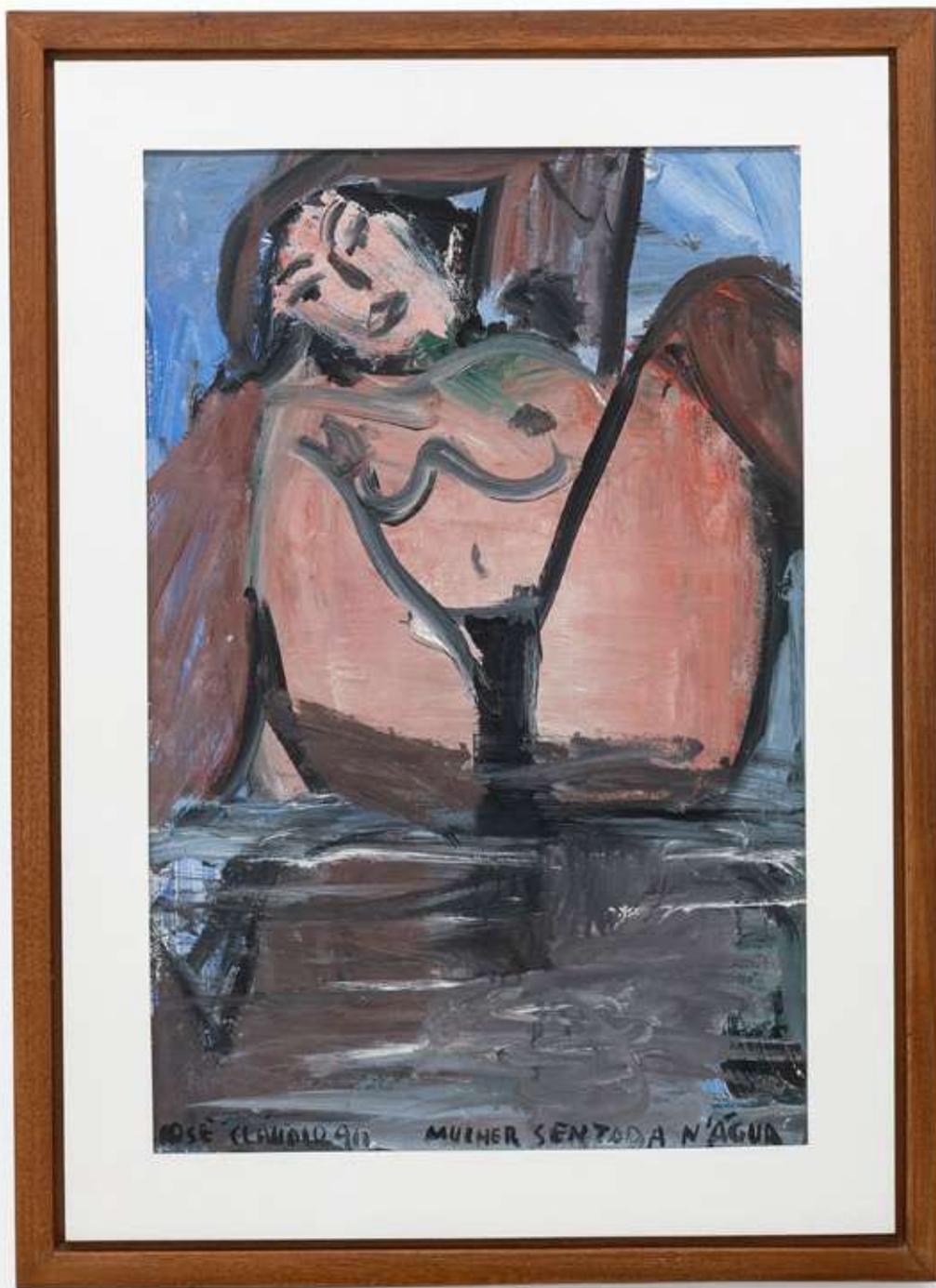
Sem título, 1982
tinta acrílica sobre eucatex
84,1 x 126 x 4 cm





Sem título, 1979
tinta óleo sobre eucatex
118,5 x 33,5 cm



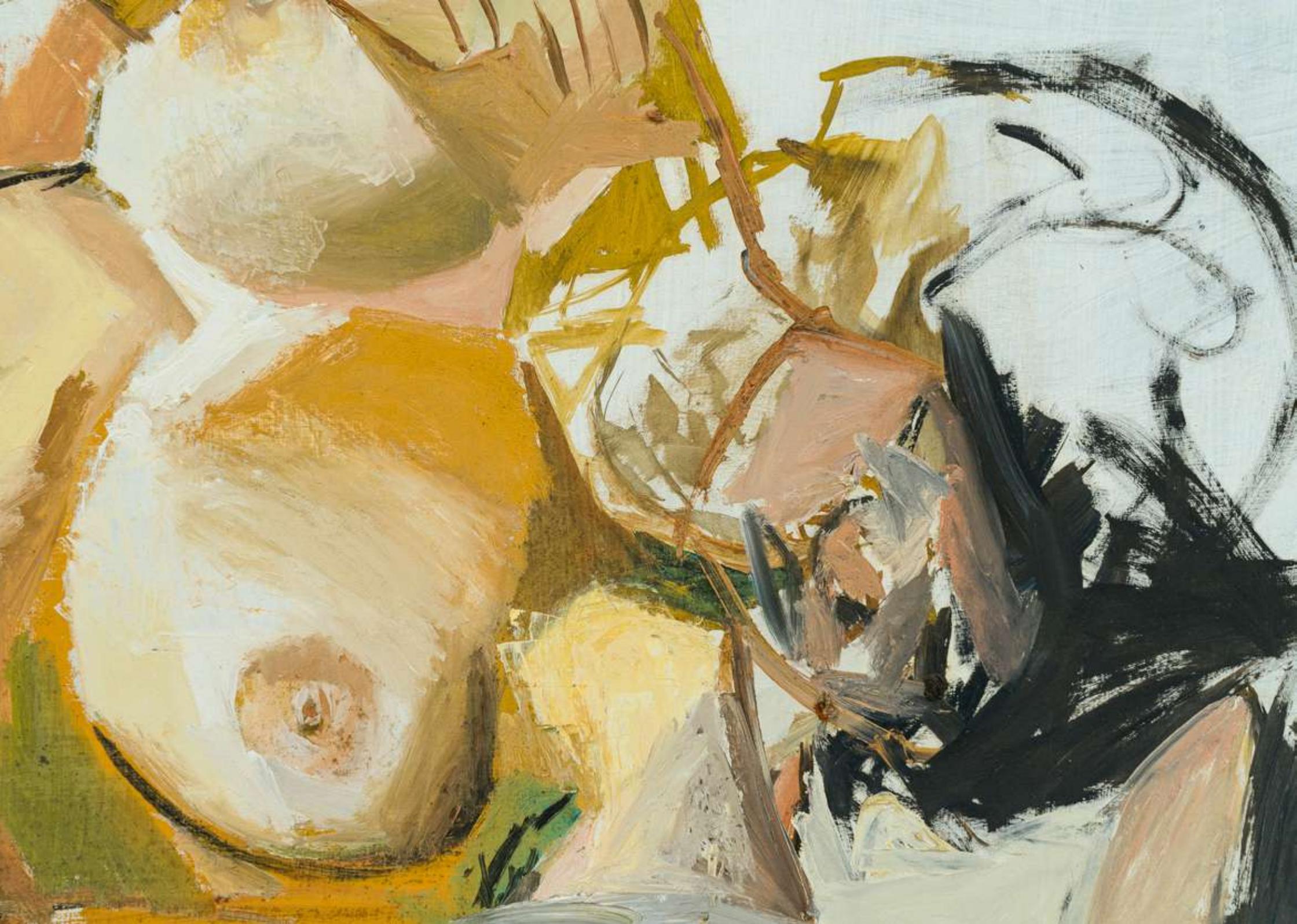


Mulher sentada n'água, 1990
tinta acrílica sobre eucatex
60,5 x 39,5 cm



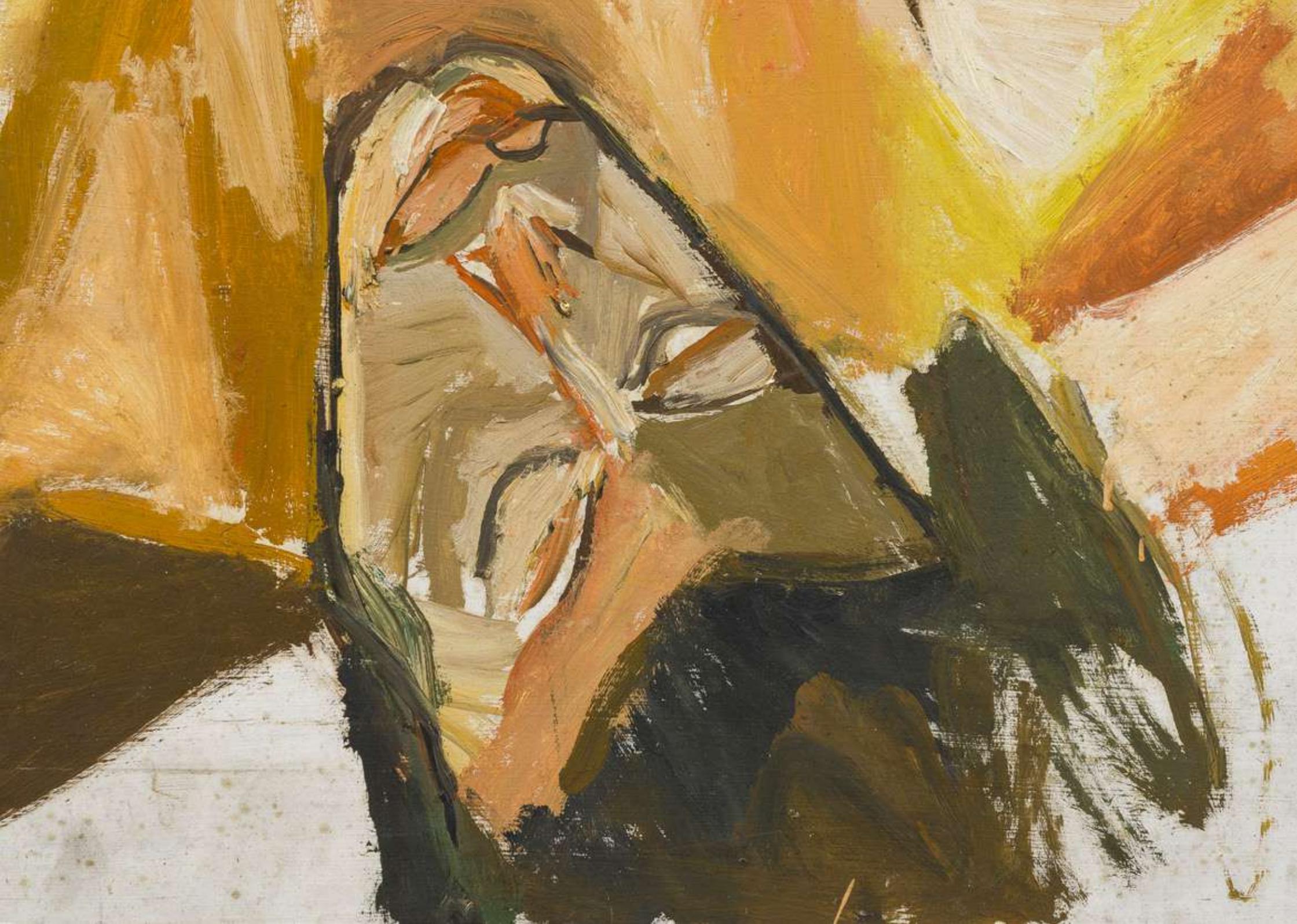


—
Maria do Socorro, 1977
tinta óleo sobre eucatex
85 x 136 cm





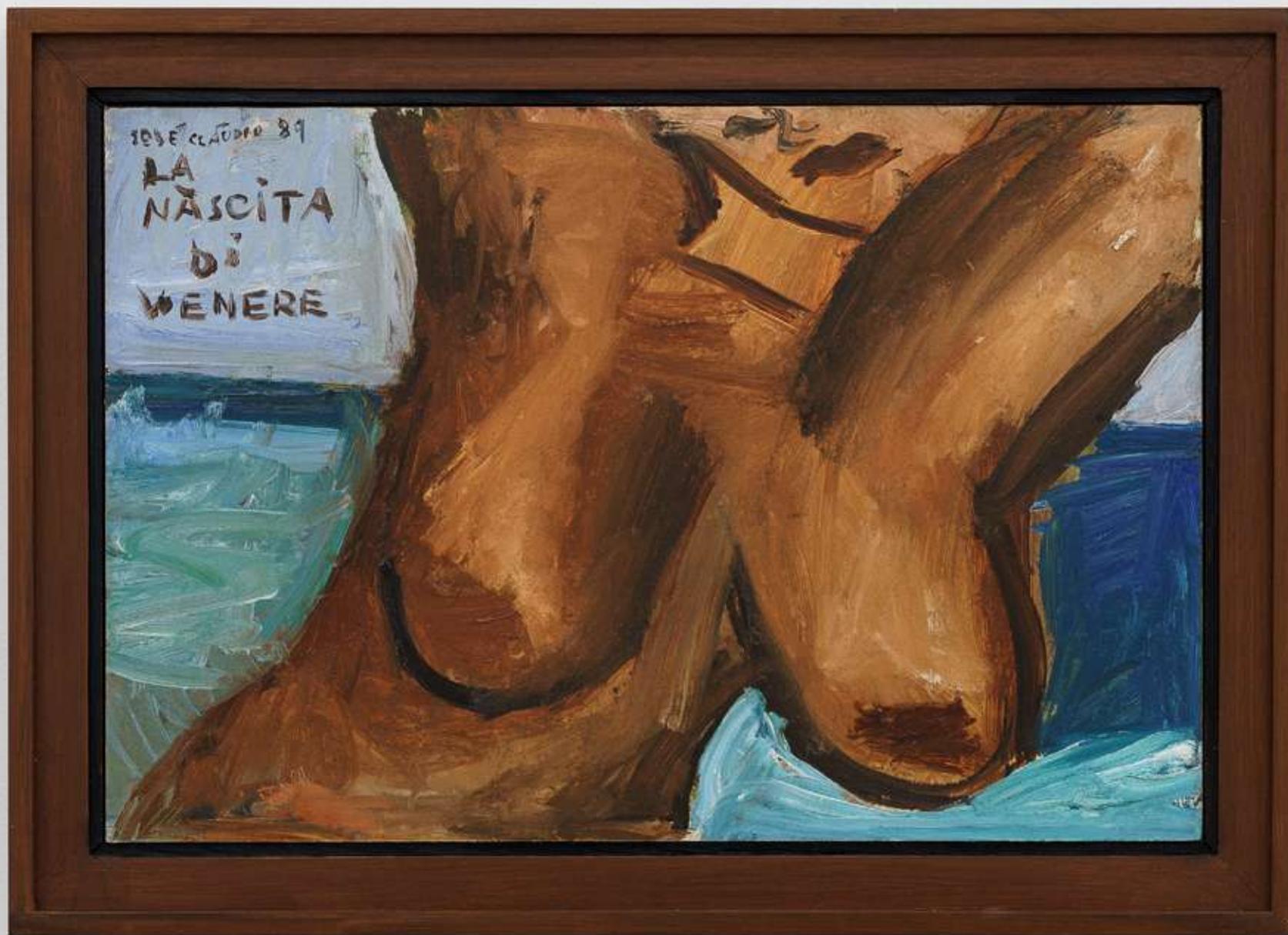
Ivete, 1977
tinta acrílica sobre eucatex
80 x 122 cm





Duas Moças, 1979
tinta óleo sobre eucatex
94 x 74 cm





La Nascita di Venere, 1989
tinta óleo sobre eucatex
40 x 60 cm

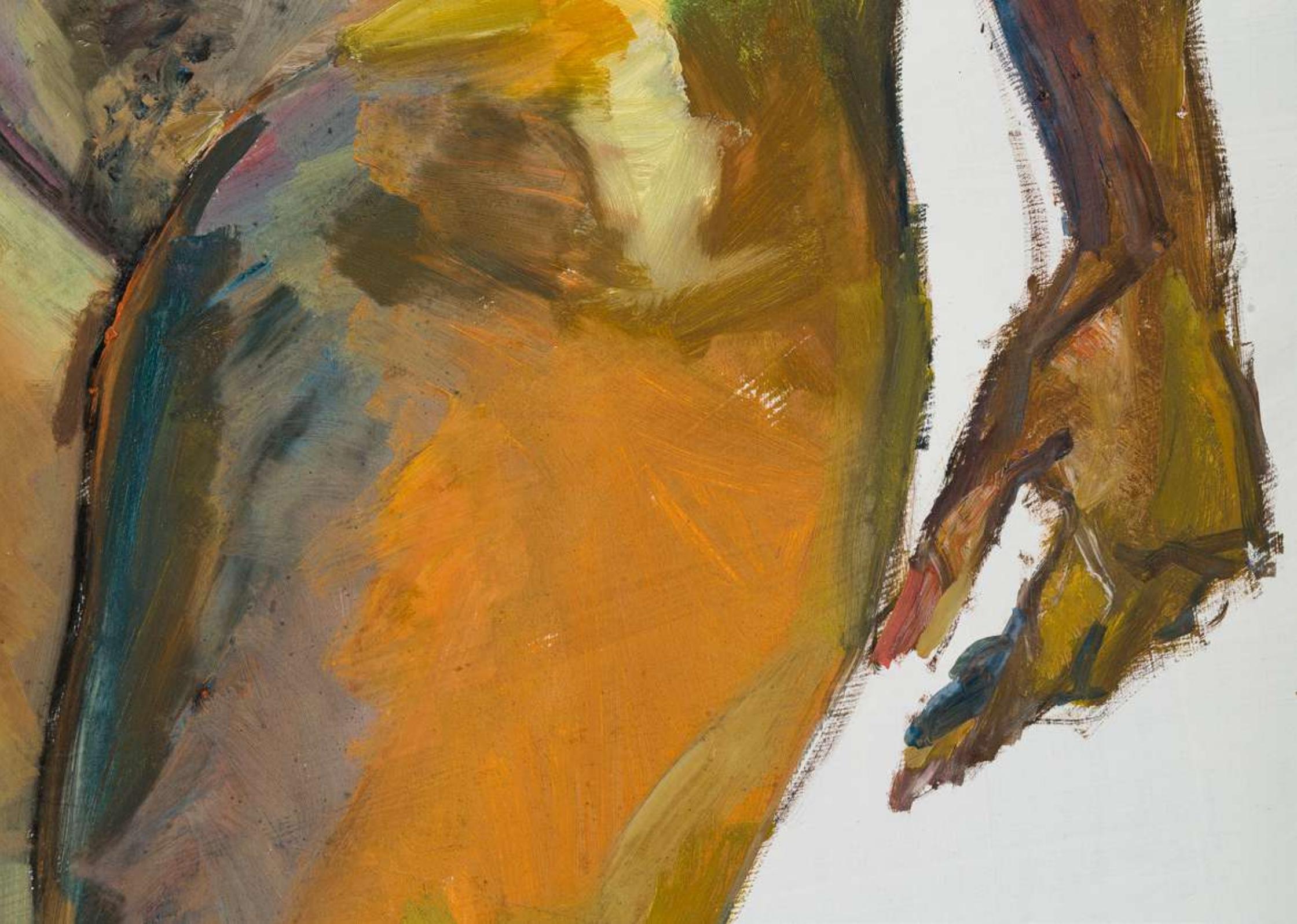


Quatro mulheres, 1987
tinta óleo sobre eucatex
80 x 60 cm





Maria José, 1976
tinta óleo sobre eucatex
138 x 96 cm



josé cláudio

b. 1932, ipojuca, brasil

vive e trabalha em recife, brasil

Ao longo de setenta anos de carreira, José Cláudio (Ipojuca, 1932) constituiu um legado para a arte brasileira da segunda metade do século XX. Artista múltiplo, com trabalhos em pintura, desenho, gravura e escultura, José Cláudio também atuou como crítico de arte e escritor. O prolífico trabalho do artista e intelectual teve início no Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife (SAMR), em 1952, ao lado de Abelardo da Hora (1924–2014), seu fundador, e Gilvan Samico (1928–2013), entre outros. O convívio intenso com os artistas de sua geração, não só no Recife, mas em outras cidades brasileiras, como Mário Cravo Júnior (1923–2018) e Carybé (1911–1997) em Salvador, e Di Cavalcanti (1897–1976) e Lívio Abramo (1903–1992) em São Paulo, assim como a bolsa de estudos em Roma concedida pela Fundação Rotelini, fizeram da década de 1950, um período intenso de aprendizado, trocas e experimentação para o artista.

“José Cláudio é figurativista desde sempre, e pratica uma arte em que a emoção primeira sequer permite ou admite emendas e correções”, afirmou o crítico e historiador da arte José Roberto Teixeira Leite, que continua: “Expressionista, fazendo uso de um desenho rigoroso, de uma pincelada larga e espontânea de um colorido profundo, do ponto de vista da temática José Cláudio debruçou-se sobre cenas e tipos regionais, sobre os costumes regionais e sobre a paisagem, as aves e as frutas do seu Nordeste, despojando-as, porém, de qualquer conteúdo pitoresco, para apenas se concentrar em sua expressão pictórica.”

José Cláudio integrou o movimento Poema/processo (1967–1972), com sua icônica série *Carimbos*, imagens feitas a partir da composição modular das imagens escavadas em borrachas. Em 1975, José Cláudio participou de viagem à Amazônia organizada pelo Museu de Zoologia da USP, realizando uma centena de trabalhos reunidos no livro “100 telas, 60 dias e um diário de viagem”. Em 1980, o artista se debruça sobre o quadro *O Repouso do Modelo*, de Almeida Júnior (1850–1899), criando uma série de pinturas que reinterpreta o tema.

exposições individuais selecionadas

- *Carimbos*, Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2017)
- *100 telas, 60 dias e um diário de Viagem, Amazonas 1975*, Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil (2009)
- Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), Recife, Brasil (2009)

exposições coletivas selecionadas

- *Experimentando Pernambuco Experimental*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Almeida Júnior: Um artista revisitado*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2000)
- *A mão afro-brasileira*, Museu de Arte Moderna (MAM-SP), São Paulo, Brasil (1988)
- 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1957, 1959, 1961, 1963 e 1985)
- 1º, 3º, 14º e 23º Panorama de Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna (MAM-SP), São Paulo, Brasil (1969, 1971, 1983 e 1993)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo, Brasil
- Palácio do Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art